

A DESTRUIÇÃO AMBIENTAL ENTRE O INSTINTO, A SOCIOPATOLOGIA E A SUBLIMAÇÃO: contribuições da psicanálise

Davidson Sepini Gonçalves¹

Juliana Diogo Silva²

Saúde Ambiental

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo entender, a partir da obra de Freud *O Mal estar na Civilização*, em que medida as pulsões internas e as influências sociopatológicas impelem o ser humano à destruição do meio ambiente e até que ponto a sublimação dessas metas instituais podem reverter ou minimizar tais atitudes. Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa e bibliográfica, em que foi utilizado o método psicanalítico. Como resultado das discussões observou-se que diante da impossibilidade de controle das pulsões e do crescente movimento hiperconsumista que assola a sociedade contemporânea, o desafio da educação para a saúde ambiental é apresentar ao sujeito de desejo alternativas aos processos sociopatológicos, em todos os campos em que, direta ou indiretamente, ele se depara com a necessidade de uma intervenção no ambiente em que vive e que o sustenta. Considera-se finalmente que o exercício da educação para a saúde ambiental é a melhor maneira de repressão instintual, visando deslocar o sentimento de satisfação que seria obtido na agressividade, para outras atividades igualmente ou mais prazerosas.

Palavras-chave: Meio ambiente; pulsão de morte; mal-estar na civilização.

INTRODUÇÃO

Freud publicou em 1930 sua obra seminal: *O mal estar na civilização*. Nessa obra, demonstrou que existe um preço a ser pago para que o ser humano possa viver no mundo civilizado. Esse preço refere-se a uma predisposição inata para a realização de certas ações, predominantemente ligadas à sexualidade e à agressividade humanas, ou nos dizeres do próprio Freud (1930), para a realização de impulsos instituais.

Nesse sentido, do ponto de vista psicanalítico freudiano e tendo como referência a obra supra citada, existe uma grande propensão no ser humano para a destruição ambiental e, para além do caráter pulsional dos desejos inconscientes, há que se pensar também nas

¹ Prof. Dr. na PUC Minas, campus Poços de Caldas – Departamento de Medicina, profsepinipuc@gmail.com.

² Acadêmica do curso de Medicina da PUC Minas campus Poços de Caldas, Departamento de Medicina, judiogosilva@hotmail.com.

manifestações dessas pulsões em moldes sociais, o que traz à tona o conceito de sociopatologia.

Mas, se é certo que existe a pulsão de morte que vai ao encontro de valores sociais destrutivos, também é visível que a pulsão de vida encontra respaldo na cultura, na arte e nos sentimentos mais nobres que o ser humano é capaz de produzir.

Assim, objetiva-se com esse trabalho entender, a partir da obra de Freud *O Mal-estar na Civilização*, em que medida as pulsões internas e as influências sociopatológicas impelem o ser humano à destruição do meio ambiente e até que ponto a sublimação dessas metas instituídas podem reverter ou minimizar tais atitudes, estabelecendo assim uma relação edificante entre o ser humano e o seu ambiente de vida.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa e bibliográfica. Foi utilizado o método psicanalítico, consagrado como um método de interpretação, aqui colocado como possibilidade de compreensão mais aprofundada, interpretativa para além das aparências, entendendo a interpretação como possibilidade de praticar “a arte de extrair do minério bruto das associações inintencionais, o metal puro dos pensamentos recalçados.” (FREUD, 1903, p.238).

Faz-se, no entanto, necessário entender a especificidade do método e sua aplicabilidade no presente trabalho. As palavras de Turato, (2003, p. 238) são esclarecedoras: “a investigação clínico-qualitativa dos fenômenos das áreas da saúde [...] vai emprestar e apropriar-se de conceitos da psicanálise para serem usados como uma ferramenta [...]”.

Nesse sentido, a psicanálise se faz presente na pesquisa como viés de análise e como método, o que reforça a ideia da busca de sentido para os desejos humanos mais profundos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Freud traz em sua obra *O mal-estar na civilização*, a existência de três principais motivos para a infelicidade humana que seriam: a própria constituição do corpo, fadado à finitude e adoecimento; a submissão do homem à natureza, à qual não tem pleno controle;

e a inadequação das regras sociais com os verdadeiros desejos humanos (FREUD, 1930).

Além disso, nessa obra, Freud ainda descreve alguns dos caminhos que o ser humano pode usar para vencer o sofrimento e enfrentar esses motivos que o causam. Dentre eles, está o uso da ciência para dominar a natureza, resolvendo então o problema de submissão. Nesse sentido, os esforços despendidos para esse fim, muitas vezes, vão passar por cima de noções de preservação, em prol da minimização de uma das grandes angústias constituintes do ser humano.

A realidade, porém, pode não ser tão severa, uma vez que também é possível que o ser desenvolva uma filosofia de vida que coloque o amor como caminho para o afastamento da infelicidade.

Nos dizeres de Nogueira (2003, p. 57), a partir da leitura de Freud: “só lhe resta um caminho para tentar a realização da felicidade no modo permitido ao existente humano: fazer do amor o eixo central da vida.”

A civilização é criada para proteger o homem da natureza e para regulamentar os vínculos sociais, sendo então o conjunto de realizações e instituições que foram criadas pelo homem para esses fins e, conseqüentemente, tem como resultado o afastamento do modelo de vida primitivo de nossos ancestrais.

Para realizar esse objetivo, colocamos a natureza à disposição da sociedade para criar coisas úteis para o homem, ou seja, usamos como fim a satisfação do homem e como meio tudo para atingi-lo, inclusive a destruição do meio ambiente, principalmente atrelada ao desenvolvimento científico.

Essa tendência original e autônoma à agressão é chamada por Freud de pulsão de morte, ou instinto de morte, sendo um instinto de destruição que faz com que o ser humano destrua coisas animadas, inanimadas ou a ele mesmo. Essa demolição, dirigida ao objeto, satisfaz as necessidades vitais do ser e aumenta seu domínio da natureza.

Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos, concluí que deveria haver, além do instinto para conservar a substância vivente e juntá-la em unidades cada vez maiores, um outro, a ele contrário, que busca dissolver essas unidades e conduzi-las ao estado primordial inorgânico. Ou seja, ao lado de Eros, um instinto de morte. Os fenômenos da vida se esclareceriam pela atuação conjunta ou antagônica dos dois. (FREUD, 1930, p. 55)

Esse instinto agressivo, entretanto, não pode ser expresso dentro da civilização, até

mesmo porque, por definição essa maneira de estruturação social é pautada na renúncia dos instintos. Ou seja, a cultura é uma maneira de inibição da pulsão de morte.

Dentro desse contexto, o psicanalista Renato Mezan (2002) pensa a sociopatologia como atos agressivos estimulados pela própria sociedade, por considerá-los naturais. Esse tipo de sociopatologia seria, portanto, uma expressão explícita da pulsão de morte, legitimada por regras sociais que a consideram aceitáveis.

Essa definição pode, portanto, ser facilmente aplicada na relação social com o meio ambiente, a qual é claramente ancorada em destruição por parte da humanidade. Assim, a pulsão de morte, além de ser induzida pela própria cultura é considerada normal, caracterizando uma sociopatologia.

Paradoxalmente pode-se pensar a civilização ou a cultura como possibilidade de sublimação. Mezan (2002, p. 346) esclarece:

[...] Se pensarmos que a civilização ou a cultura resulta também da *sublimação* das pulsões, temos a seguinte e paradoxal situação: as pulsões são ao mesmo tempo bases da civilização, porque sublimadas resultam nas instituições sociais e nas obras da imaginação; e elas são a base da *hostilidade contra a civilização*, já que a sua coerção se encontra no fundamento de todas as instituições coletivas. (grifos do autor)

Nesse sentido, a aposta na *sublimação* como solução para os interesses humanos em relação ao meio ambiente e à natureza faz-se necessária. Nos dizeres de Freud (1930, p. 39): “a sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada.”

Mas será que a educação para a saúde ambiental tem se dado conta da necessidade da investigação das particularidades humanas que as levam, ao mesmo tempo, a amar e destruir o meio ambiente?

Farias e Knechtel (2018, p. 327) colocam a questão de maneira intrigante: A psicanálise, nesse sentido, pode nos dizer que, talvez, até o momento, a Educação Ambiental não tenha tematizado, de forma suficientemente clara, a dimensão pulsional do ser humano na sua relação com o meio ambiente.

Assim, os processos sociopatológicos precisam ser denunciados e desestimulados,

não como muitas vezes é feito, a partir de ameaças e punições, mas com a apresentação de uma nova modalidade de libido, mais potente, mais envolvente e mais saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da intersecção psicanálise e ecologia, pode-se concluir que o ser humano é composto por forças instintuais, provindas do inconsciente, as quais podem ser denominadas pulsões: de vida e de morte, e a pulsão de morte seria a responsável por impulsionar o homem a destruir o meio ambiente.

Esses instintos devem ser sublimados dentro de uma vida civilizada, responsável pela castração das pulsões, sendo esse fenômeno a capacidade de canalização dessa força agressiva em outras atividades, sejam elas artísticas, intelectuais ou físicas.

A dinâmica de funcionamento da sociedade também tem papel essencial no direcionamento das atividades humanas. Nesse contexto, pode-se entender o fenômeno da sociopatologia, em que atos agressivos, de qualquer natureza, são naturalizados pela cultura.

Faz-se necessário, portanto, o exercício da educação para a saúde ambiental como forma de repressão instintual, visando deslocar o sentimento de satisfação que seria obtido na agressividade para outras atividades igualmente ou mais prazerosas.

REFERÊNCIAS

- FARIAS, Ana Lizete e KNECHTEL, Maria do Rosário. Uma perspectiva psicanalítica para a educação ambiental. **Ambiente & Educação**, v. 23, n.2, p. 322-338, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2018
- FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria** (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer / Sigmund Freud; tradução Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Sigmund Freud; tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 2010.
- FREUD, Sigmund. **Um caso de Histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. (1903). O método psicanalítico de Freud. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago: 1996. (Edição Standard Brasileira. Vol. VII).
- NOGUEIRA, João Carlos. Pulsões de morte e civilização. In: MORAIS, Regis de. (Org.) **Sociedade: o espelho partido**. Edicamp. Campinas:2003, p.39-66.
- TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.